

## **SEMÂNTICA NA PERIFERIA: A PRÁTICA DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA COM LIVRO DIDÁTICO ADOTADO EM IMPERATRIZ/MA**

**Sônia Maria NOGUEIRA**<sup>1</sup>

Doutora em Língua Portuguesa – PUC-SP/ UEMASUL

**Yasmine LOURO**<sup>2</sup>

Mestranda em Letras – UFT

**RESUMO:** O presente artigo visa realizar o levantamento das práticas educacionais dos professores do Ensino Fundamental de Imperatriz/MA, especificamente a abordagem dos aspectos semânticos contidos no livro didático adotado, em sala de aula. A fundamentação teórica será norteada pelos apontamentos de Cabral (1984) sobre a educação maranhense; Marques (1996) e Bechara (2004) auxiliarão a respeito da questão semântica; e os estudos de Cruz (2012;2013) acerca do percurso educacional imperatrizense. A metodologia da pesquisa é qualitativa, pois investigou-se o espaço social dos professores mediante entrevistas, assim como reconhecer o potencial das informações por creditar a cientificidade dos depoimentos recolhidos no ato de transcrever as informações obtidas oralmente. Desse modo, como resultados obteve-se encontros e entrevistas com os professores das escolas selecionadas. Os entrevistados demonstraram conhecimento sobre Semântica e vontade de transmitir conteúdo de qualidade, tendo ciência de que o livro didático não é a única ferramenta que possibilite esse desejo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semântica; Língua Portuguesa; Práticas Educacionais.

### **Introdução**

A história da educação maranhense é marcada por lutas e conquistas arduamente concretizadas. De fato, houve um progresso com a Lei de 15 de outubro de 1827, a Lei da Instrução, como ficou conhecida no período, que determinava o ensino primário como obrigatório em todos os estados brasileiros, conforme Ribeiro (2000, p. 44).

Na cidade de Imperatriz, porém, o progresso educacional tomou proporções apenas em 1864, segundo Cruz (2012, p. 18), com a Lei provincial nº 717, de 11 de julho de 1864, na qual foram criadas cadeiras de primeiras letras para meninos. Ao longo do todo o século XIX, e parte do século XX, contudo, observou-se um descaso com a educação imperatrizense, tendo sido, publicamente, denunciado em 1869 (CRUZ, 2012, p. 23).

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: [sonianogueira@uemasul.edu.br](mailto:sonianogueira@uemasul.edu.br)

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: [yasminelouro@outlook.com](mailto:yasminelouro@outlook.com)

Portanto, o objetivo principal da pesquisa é averiguar se os professores de ensino de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental da rede pública relacionam conteúdos de dimensão Semântica da linguagem nas práticas de produção e recepção de textos no cenário escolar a partir do livro didático. A fundamentação teórica será norteada pelos apontamentos de Cabral (1984) sobre a educação maranhense; Marques (1996) e Bechara (2004) auxiliarão a respeito da questão semântica; e os estudos de Cruz (2012;2013) acerca do percurso educacional imperatrizense.

Para isso, o artigo será dividido em quatro seções: a primeira, *Metodologia*, introduz o processo metodológico que norteou a pesquisa; a segunda, *A educação em Imperatriz*, apresenta aspectos políticos, sociais e econômicos que influenciaram na educação da cidade; a terceira, *Aspectos semânticos norteadores*, trata de questões semânticas abordadas nas entrevistas; a quarta seção, *Das entrevistas*, expõe os dados obtidos na pesquisa.

Após décadas de esforços comunitários para concretização da educação em Imperatriz, a presente pesquisa pretende compreender as práticas educacionais dos professores de Língua Portuguesa que atuam em bairros periféricos da cidade, especificamente ao conteúdo de semântica apresentado pelo livro didático adotado pelo Polo selecionado para execução da pesquisa.

## **Metodologia**

A metodologia da presente pesquisa é qualitativa, pois trata-se de compreender o espaço social dos envolvidos mediante a realização de entrevistas e aplicação de questionários e formulários (LAKATOS, MARCONI, 2003, p. 158).

Na etapa inicial, no processo de observação e reconhecimento do espaço físico de cada escola, apresentamos Ofício para cada gestor, solicitando que a história de sua escola nos fosse contada e/ou disponibilizados documentos, afinal, “o conhecimento popular não se distingue do conhecimento científico pela veracidade nem pela natureza do objeto conhecido” (LAKATOS, MARCONI, 2003, p. 75). Portanto, o ato de narrar a história de suas respectivas escolas é, também, a transmissão de conhecimento e nos ajuda a compreender a transformação da localidade enquanto comunidade.

Após apresentação e concordância dos professores de Língua Portuguesa em participar da aplicação do projeto, foi posta em prática a fase de entrevista que, segundo Lakatos e

Marconi (2003, p. 195), “é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”, e, recolher as suas perspectivas a respeito do ensino de Língua Portuguesa. Dessa forma, em outra oportunidade, foi apresentado um Termo de autorização para que o nome do entrevistado pudesse aparecer nos documentos relacionados à pesquisa.

Portanto, a entrevista padronizada, definida por Lakatos e Marconi (2003, p. 197) como “aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido”, é o método principal para realização de coleta de dados para esta pesquisa. Em caso de a entrevista não pudesse ser realizada, utilizaríamos dois outros métodos: o questionário, estabelecido por Lakatos e Marconi (2003, p. 201) como um “instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem respondidas por escrito e sem a presença do

entrevistador”. Logo, o questionário seria entregue à coordenação da escola, em casos nos quais o professor apresentasse desconforto com o método entrevista, e seria recolhido no dia seguinte; o segundo método, dessa forma, o formulário, é descrito por Lakatos e Marconi (2003, p. 212) como “o contato face a face entre pesquisador e informante”, tendo como diferencial ser “o roteiro de perguntas preenchido pelo entrevistador, no momento da entrevista”. Desse modo, o formulário foi composto por questões fechadas. Além disso,

**Figura 1 – Normas de Transcrição.**

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda... ( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Intonação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh ::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	... '	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))

Fonte: (PRETTI, 1999).

todos os métodos de coleta de dados foram gravados em sua extração, exceto o questionário, por seu caráter individual e sigiloso. Após o recolhimento dos dados, foi necessário organizá-

los com os métodos de seleção, codificação e tabulação, para esquematizar informações obtidas e melhor compreendê-las (LAKATOS, MARCONI, 2003, p. 166).

Nesse processo, utilizar-se-á das normas de transcrição definidas por Pretti (1999), em conformidade com a **Figura 1 – Normas de Transcrição**.

Conforme Lakatos e Marconi (2003, p. 167), “a importância dos dados está não em si mesmos, mas em proporcionarem respostas às investigações”. Dessa forma, a fase de interpretação de dados é crucial para a averiguação do resultado da pesquisa. Em suma, a interpretação dos dados é o ato de expor o significado verdadeiro do material recolhido, assim como propõe discussões mais abrangentes acerca de dados (LAKATOS, MARCONI, 2003, p. 168).

### **A educação em Imperatriz**

Conforme Cruz (2012, p. 18-20), a Lei provincial nº 717, de 11 de julho de 1864, foi o marco inicial para o progresso da educação de Imperatriz, pois foi a partir dessa lei que foram criadas as cadeiras de primeiras letras, atualmente denominado como ensino primário, para meninos e uma cadeira para meninas. Apenas dois anos mais tarde, porém, ocorreu a nomeação vitalícia de Francelino de Carvalho Sanches, oficialmente o primeiro professor de Imperatriz; mas apenas nominalmente, pois nunca chegou a cumprir as suas funções.

Uma ressalva sobre esse período da educação imperatrizense, porém, foi o desempenho do padre Domingos enquanto professor interino, responsável pelo ensino público de 1869 até o início de 1871, conforme Cruz (2012, p. 25, 26). Posteriormente, foi removido de suas funções em razão da posse de Agostinho José da Costa Cururuca, o primeiro professor nomeado que lecionou em Imperatriz e permaneceu até 1875.

Contudo, enquanto o ensino público oscilava por falta de investimento e interesse dos professores por vagas no interior do estado, as escolas privadas cresciam em números, conforme Barros (apud CRUZ, 2012, p. 27, 40), “muito antes de 1896, quando foi fundada a ‘primeira escola particular’” de Imperatriz. Portanto, tornou-se uma prática comum para as entidades governamentais o subsídio de escolas privadas para amortecer os gastos, pois,

“havia excessiva despesa aos cofres públicos com o aluguel de prédios precários onde funcionavam as escolas isoladas”.

A Escola Normal chegou em Imperatriz em 1915, com a posse de Elisa Moreira Ferraz, designada para a Escola Mista, criada pelo Decreto n. 4, de 10 de junho de 1914. A sra. Elisa, no entanto, havia sido nomeada em caráter provisório para atuar como professora do Estado em 1910 (CRUZ, 2012, p. 42). A história da educação de Imperatriz começou apenas em 1935, com o Decreto nº 2, quando o prefeito Martiniano de Miranda criou a primeira escola pública municipal de Imperatriz, de caráter misto, com dois professores.

Foi, apenas, no ano de 1970 que surgiu a demanda para ampliação da escola graduanda em Imperatriz, quando o prefeito Renato Moreira criou, em esfera municipal, o Departamento de Educação e Cultura e construiu 18 prédios escolares, destinados ao funcionamento de escolas municipais (CRUZ, 2013, p. 28).

Conforme Cruz (2013, p. 32), com a análise dos livros de correspondência da prefeitura de Imperatriz, pode-se encontrar, a partir de 1939, números crescentes de abertura de escolas públicas apenas na região que corresponde à sede do município. É a partir do ano de 1950 que se observa que outras povoações são beneficiadas com a construção de escolas, doações de terrenos do Estado, com o objetivo de construir-se escolas rurais, e a nomeação de professores para lecionar nesses espaços.

O processo de escolha das escolas onde aplicar a pesquisa ficou a cargo da questão da localização, pois seria necessário escolher um Polo no qual as escolas não estivessem tão distantes uma das outras. O Polo Vila Nova foi identificado e, dentre as escolas que o compõem, selecionadas aquelas que oferecessem as séries finais do Ensino Fundamental.

A capa do livro do 6º ano da coleção adotada pode ser observada **Figura 2 – Capa do Livro**.

As coleções, atualmente, utilizadas nas escolas do Polo Vila Nova foram selecionadas em 2015/2016 por meio do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. Dessa forma, o ciclo de utilização dos livros corresponde de 2017 à 2019. A coleção adotada para Língua Portuguesa é a “Português Linguagens”, dos autores William Cereja e Thereza Cochar (2015), da Editora Saraiva.

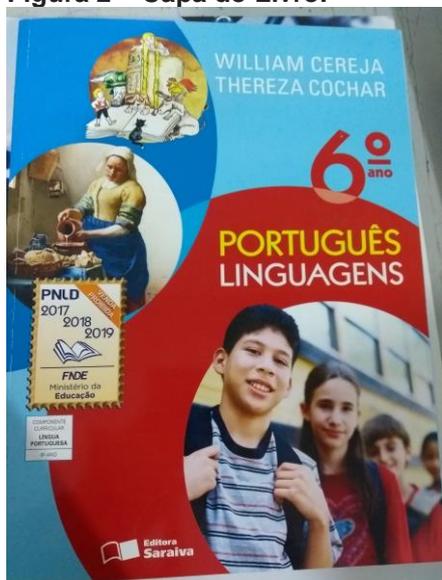
Desse modo, os livros do **6º** ao **9º ano** apresentam **4 Unidades** com **3 Capítulos** cada, contendo em **cada Capítulo** uma **subcategoria** denominada “Semântica e Discurso”, na qual analisa os assuntos abordados no capítulo a partir de **questões** que, supostamente, instigam os estudantes a explorar as temáticas por meio da resolução de ambiguidade e interpretação de texto. As questões, porém, foram desenvolvidas para sugerir ao estudante as respostas “corretas”, o que retira a autonomia da resolução e dedução do próprio estudante.

### Aspectos semânticos norteadores

A teoria semântica, assim mencionada por Michel Bréal, pela primeira vez, em 1883, é definida, frequentemente, como “o estudo do significado em linguagem” (MARQUES, 1996, p. 15). A semântica é a teoria que possibilita a análise dos elementos formais da língua, tais como morfemas, vocábulos, locuções e sentenças.

Uma questão, no entanto, que continua a reverberar nos estudos semânticos é a definição de significado por parte dos pesquisadores. Sendo essa uma das questões primordiais dos estudos semânticos, a análise do significado de uma oração ou de uma partícula da sentença, é relevante o debate acerca da definição do sentido alcançado. Segundo Marques (1996, p. 15), ainda, há discussões acerca da terminologia apropriada para alinhar o resultado alcançado pela utilização do objeto, conhecido em termos gerais como sentido ou significado. Ainda sobre o assunto, Marques (1996) indica que

**Figura 2 – Capa do Livro.**



Fonte: Dados da pesquisa.

Desde que se possa firmar um conceito abrangente de significado, esse conceito servirá de base a uma teoria semântica, capaz de definir o seu objeto e de explicar, de modo integrado e coerente, os princípios que relacionam e organizam os fatos de natureza semântica, ou seja de explicitar o seu objeto (p. 19).

As discussões, porém, são estimuladas pelo caráter plural e indeterminado dos fenômenos semânticos. Além disso, esses estudos servem à psicologia para esclarecimento do funcionamento da mente humana, auxiliando na compreensão de como se obtém e se utiliza dos conhecimentos.

Sendo assim, a semântica subdivide-se em duas vertentes: a primeira, que se responsabiliza pelas

questões em um sentido estrito; e a segunda, que é responsável pelas questões linguísticas em um sentido lato. De acordo com Marques (1996, p. 15), o plano estrito é distribuído em três domínios, sendo estes o da semântica lexical, o da semântica da sentença e o da semântica do texto. No plano *lato*, logo, são exploradas as questões interdisciplinares, como a filosofia, que analisa o modo como o ser humano constrói representações simbólicas do mundo.

Dessa forma, conforme ensina Bechara (2004, p. 402), *polissemia* configura-se como uma palavra que possui significados em campos semânticos diferentes. A *homonímia*, entretanto, é caracterizada por duas ou mais significantes, com significados distintos, possuírem a mesma estrutura fonológica (BECHARA, 2004, p. 403). A *homonímia* é subdivida em três categorias: as significantes podem ser *homófonas*, que possuem o mesmo som, mas não a mesma grafia; podem ser *homógrafas*, que é quando possuem a mesma grafia, mas não o mesmo som; ou *perfeitas*, que é quando as significantes são idênticas em som e grafia, mas não em significado.

De acordo com Bechara (2004, p. 404), *sinonímia* é o fenômeno de várias significantes com significação semelhante, podendo uma substituir a outra em determinado contexto. A *antonímia*, contudo, é o fenômeno de significantes estabelecerem oposição *contraditória*, *contrária* ou *correlativa*. Logo, a *paronímia* é o fenômeno de haver significantes semelhantes em sua forma, mas com significados diferentes.

## Das entrevistas

Para a obtenção de dados foi elaborado um **questionário** com 26 perguntas semiabertas, como pode ser observado no **Quadro 1**, com a possibilidade do acréscimo de mais questões em caso de respostas insatisfatórias ou o surgimento de dúvidas a respeito do tópico questionado.

### Quadro 1 – Questionário da Entrevista.

QUESTIONÁRIO		
FORMAÇÃO	SEMÂNTICA	LIVRO DIDÁTICO
Onde você se graduou e qual o ano da graduação?	O seu olhar sobre a semântica mudou enquanto professora? Por quê	Quais os maiores benefícios que o livro didático oferece, sob a perspectiva semântica para o ensino de Língua Portuguesa?
Na graduação, você chegou a	E o que fez a sua perspectiva	Quais as maiores dificuldades

ter a disciplina de Semântica?	mudar?	que o livro didático apresenta, sob a perspectiva semântica para o ensino de Língua Portuguesa?
Como você se sentia nas aulas?	Os seus alunos demonstram curiosidade sobre os textos trabalhados na categoria “Semântica e Discurso”?	Você acredita que o livro didático é o suficiente para o ensino da semântica?
Há conteúdos específicos os quais você lembra atualmente?	Você acredita que a Semântica é trabalhada com propriedade pelo livro didático?	No caso, você já sentiu a necessidade de complementar o ensino em sala de aula com material próprio, selecionado por você?
Pessoalmente, você gostava de estudar semântica?	Quais os maiores benefícios que o livro didático oferece, sob a perspectiva semântica para o ensino de Língua Portuguesa?	Quais os aspectos semânticos que aparecem com maior frequência no livro didático? Os alunos conseguem assimilá-los com facilidade?
Na universidade, era uma disciplina que te empolgava e estimulava a estudar?		Qual aspecto você observa que aparece com menor frequência ou nem mesmo são apresentados no livro didático? Como você lidou com essa fragilidade? Os alunos assimilaram com facilidade o conteúdo?
		Como o livro apresenta o aspecto ambiguidade como um método para interpretação de texto? Você acredita que facilita na compreensão do aluno?
		Você acredita que a semântica é relevante na interpretação discursiva?

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Foram elaborados, também, um **formulário** com respostas fechadas, e um **questionário** com respostas abertas, para situações de incompatibilidade de horários, na qual, nessa primeira fase, foi necessário utilizar apenas uma vez.

As perguntas foram planejadas para abarcar três aspectos da vida profissional do professor, sendo estes **formação, semântica e livro didático**, com o propósito de analisar a

interação dos mesmos e como o professor utiliza os conhecimentos obtidos na graduação para lecionar semântica com o livro didático.

Desse modo, foram selecionadas **seis escolas**: Escola Municipal Machado de Assis, Escola Municipal Madalena de Canossa, Escola Municipal Pedro Abreu, Escola Municipal Domingos Moraes, Escola Municipalizada Raimundo Aguiar e Escola Municipalizada Morada do Sol.

A pesquisa na questão do quantitativo dos gestores iniciou no dia 20 de novembro de 2018, com ex-funcionários das escolas e com o funcionário da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), Max Silva Sá. Dessa forma, dia 27 de novembro foram realizadas as ligações para marcar as visitas, tendo sido escolhidos os dias 28 e 29 de novembro.

Foram visitadas as Escolas Municipais, localizadas na Grande Vila Fiquene, acompanhadas pela orientadora do Projeto, Profa. Dra. Sônia Maria Nogueira, Domingos Moraes, Pedro Abreu, Raimundo Aguiar, Machado de Assis, Madalena de Canossa e Morada do Sol. Foi necessário, porém, agendar visitas posteriores, pois não foi possível obter as informações sobre o espaço físico e o histórico das escolas.

Nesse meio tempo, foi decidido que a fase das entrevistas seria antecipada em algumas semanas, em razão de haver professores seletivados de Língua Portuguesa lotados em quase todas as escolas, com exceção da E. M. Madalena de Canossa. Portanto, tal decisão foi tomada com o intuito de conseguirmos obter mais dados para a pesquisa, tendo em vista que novos professores seriam lotados posteriormente, para substituir aqueles que os contratos terminaram em dezembro de 2018.

O desenvolvimento tardio e lento da educação pública no município de Imperatriz deu a oportunidade àqueles que acreditavam no potencial da comunidade, como foi o caso dos primeiros diretores e proprietários de escolas privadas, posteriormente municipalizadas e, conseqüentemente, agregadas ao município. Tal mérito é melhor observado quando investigada a expansão escolar nos bairros periféricos de Imperatriz, carentes de escola com infraestrutura no passado não tão remoto dos anos 1980.

Portanto, o esforço comunitário e a parceria entre representantes governamentais e órgãos religiosos, como consta no histórico da E. M. Pedro Abreu e E. M. Madalena de Canossa, respectivamente, auxiliou no processo de estruturação e ampliação da comunidade escolar hoje denominada Polo Vila Nova.

Em uma tentativa de nivelar os conteúdos aplicados em toda a cidade, no processo de

adoção do livro didático em 2016, a coleção de Língua Portuguesa, “Português: Linguagens”, passou a ser utilizada nas escolas onde a pesquisa foi aplicada.

Portanto, foram entrevistados professores das escolas anteriormente mencionadas, utilizando um roteiro de entrevistas semiestruturado, apenas havendo alteração por parte do entrevistador quando o entrevistado demonstrava dúvida quanto à pergunta realizada. A entrevista, desse modo, é composta por 26 questões, que incluem aspectos como formação acadêmica e docência. Levaremos em consideração, porém, questões com respostas relevantes para o andamento da presente pesquisa.

Sendo assim, uma das questões, “**O olhar sobre a semântica mudou enquanto professor?**”, apresentou, além de respostas positivas, arguições que trazem o questionamento acerca da diferença entre teoria e prática, muito relevante para professores, pois desconstrói a ideia de que os conhecimentos obtidos na Academia são inutilizáveis, assim como aproxima o professor da realidade de lecionar para 30 alunos simultaneamente, como é o caso do **entrevistado 1**, que afirma não ter tido tempo para trabalhar com o livro apropriadamente, pois, de acordo com ele, haviam metas a serem seguidas e concluídas.

ENTREVISTADO: mudou.

ENTREVISTADOR: por quê?

ENTREVISTADO: porque... *éh*:... a partir do... do... dos meus estudos... né... que (sic) quando eu estudei... a... essa disciplina, *éh*... eu pude ver além... né... a questão do conhecimento de mundo... porque abriu muito a minha mente em relação a algumas coisas, que até então... antes de... de... ter a disciplina... eu não sabia, não tinha muita facilidade em interpretar... então melhorou muito.

ENTREVISTADOR: e o que fez a tua perspectiva mudar enquanto professora?

ENTREVISTADO: minha perspectiva... em que sentido...? ((riu))

ENTREVISTADOR: na hora de você conseguir expor esse conhecimento que você obteve na universidade como professora.

ENTREVISTADO: assim... nesse ano... *éh*:... não f... não foi tão... eu não.. não tive tanta... assim... essa oportunidade... porque... *éh*:... como a gente tem as metas de realizar os conteúdos em tempo certo... tudo mais... então às vezes a gente acaba deixando um pouco passar... algumas coisas... mas... fui tentando acompanhar o livro... né... os conteúdos dos livro...

Enquanto isso, o **entrevistado 2** afirma que, sim, seu olhar sobre a semântica mudou quando foi lhe dada a oportunidade de lecionar, porém, diferente da entrevistada 1, destaca que há uma troca de conhecimento entre aluno e professor e, a partir disso, ele foi capaz de aprender com os discentes, conforme visto abaixo:

ENTREVISTADO: na verdade... só veio a acrescentar... né... era bom já... só afirmou mais o que eu gostava (mais)...

ENTREVISTADOR: *Éh*:... Por que você acredita nisso?

ENTREVISTADO: porque é na sala de aula que a gente tem uma prática maior... né... enquanto é só teoria... teoria... aí você vai para a prática... enquanto você ensina... você aprende... né... então... a sala de aula proporciona isso também... né... aprender também com os alunos... também.

ENTREVISTADOR: O que fez você pensar nisso?

ENTREVISTADO: em que... em relação a quê?

ENTREVISTADOR: Em relação ao que você acredita hoje a respeito do ensino da semântica...

ENTREVISTADO: no convívio... no cotidiano... né... porque... *éh*:... na... quando a gente tava estudando... né... tinha muita coisa que ainda ficou... ainda... dúvidas... e aí quando foi para a sala de aula... eu... me motivou a pesquisar mais... aí... para passar aos alunos algo que eu... já soubesse... mas que eu tivesse como... aplicar melhor... né...

As duas respostas, portanto, realizadas para professores do mesmo polo educacional, possuem diferentes perspectivas, pois, para o primeiro, as metas impostas são uma problemática; enquanto que, para o segundo, as metas não apresentam empecilho na sua formação docente, e o contato com os alunos proporciona aprendizado no ato de ensinar.

Ainda sob outra perspectiva, o **entrevistado 4** comenta sobre a surpresa em detectar as singularidades de cada aspecto da gramática da Língua Portuguesa e de como a docência o aproximou do hábito de estudo contínuo, conforme visto abaixo:

ENTREVISTADO: sim... mudou... sim... porque... até então... quando a gente... a gente... quando a gente... estuda... a gente não sabe diferenciar... né... diferenciar a semântica... a sintaxe... a gramática em si... as classes... gramaticais... e (tal)... então... até então a gente não sabe... é tanto que hoje... quando a gente vai trabalhar semântica em sala de aula... a gente tem dificuldade imensa... porque os alunos não sabem...

ENTREVISTADOR: O que fez a perspectiva mudar?

ENTREVISTADO: perspectiva...

ENTREVISTADOR: A sua perspectiva sobre a semântica...

ENTREVISTADO: *ah*:... sobre a semântica... mudar... *éh*:... a diferen... *éh*:... a diferenciação... *éh*:... do... daquilo que eu aprendi... né... e... sobre o que o (sic) hoje... eu... no que eu aprendi... lá no ensino médio... e o que eu aprendi na faculdade... entendeu? então essa perspectiva faz a gente mudar e querer saber mais... porque quando a gente tá no ensino médio... e... ( )... no ensino que a gente fez... há dez... quinze anos atrás... é totalmente do que... diferente daquilo que a gente... quando a gente chega na universidade... a gente toma aquele baque... a gente vê... assim... que as coisas são tão diferente (sic)... né... tem coisas que a gente num:: (sic)... nem imagina... né... nem imagina... que a... que é daquela forma... que se... que se estuda daquela forma... que é... que se descobre as coisas diferentes... né... vê a diferença entre o que vocês estudou e o que você está estudando.

A possibilidade de o professor aprender com a atividade docente, portanto, é um sinal de que a qualidade do ensino é proporcional à qualidade do estudo realizado por esse professor, pois é capaz de aprender simultaneamente com os seus discentes, ao mesmo tempo que domina a disciplina e transmite segurança ao ensinar. Assim como aproxima o diálogo entre Academia e prática docente, desde que os conhecimentos obtidos na universidade não

permanecem estagnados ou inutilizados, quando o professor é, constantemente, desafiado a transmiti-los.

O **entrevistado 5**, sob a mesma perspectiva, complementou a ideia de forma mais direta e concisa, conforme abaixo:

ENTREVISTADO: mudou... um pouco... porque a gente acaba... -- ((riu)) muda... né... professor -- a gente acaba ficando ali... mais na... querendo ou não... a gente acaba saindo da graduação com uma mente... quando chega na prática... totalmente diferente... a gente chega querendo transformar... e quando vai ver que você tem uma carga horária a cumprir... você é mais... *éh*:... obrigado a trabalhar com a gramática... então... assim... a semântica a gente tenta... misturar... né... do jeito que pode... mas... o foco é a gramática...

ENTREVISTADOR: O que fez a perspectiva mudar?

ENTREVISTADO: a realidade... a realidade dos alunos... né... que é bem complicado mostrar para eles que as palavras tem vários sentidos... que não é só aquilo que tá ali... né... então.. a realidade ((riu)).

É perceptível o choque entre as perspectivas anteriores, a sala de aula e o próprio ensinar que os professores realizam em seu cotidiano, pois, além de suas preocupações quanto às metas, objetivos a serem alcançados no lecionar, eles, também, devem se preocupar no adequar da teoria à prática docente, à realidade de seus alunos, afinal, do que adiantaria aplicar o conteúdo para indivíduos que nunca saberão interpretá-lo de fato?

Sobre isso, o **entrevistado 6** afirma com muita propriedade que:

ENTREVISTADOR: O que fez a perspectiva mudar?

ENTREVISTADO: eu acho que foi o olhar que mudou... que antes eu olhava com um olhar de desinteresse... porque a forma como a professora trabalhava... não me chamava a atenção... e agora como eu estou a frente... repassando para eles... eu tento apresentar de uma maneira melhor... que chame a atenção deles... que eles gostem...

Despertar a curiosidade dos alunos, portanto, para que eles possam render melhor na disciplina, para que eles possam compreender o que é lecionado, é o cerne da próxima questão relevante, “**Os seus alunos demonstram curiosidade sobre os textos trabalhados na categoria "Semântica e Discurso?"**”. O **entrevistado 1** afirma que:

ENTREVISTADO: Eles perguntam muito... né... quando a gente faz a leitura... inclusive... os textos... *éh*... desses... *éh*... desse livro... eles são textos... assim... muito... atuais, né... *éh*... e que... assim... tem... tem... essa... esse... duplo sentido... mesmo... de... *éh*... como é que eu posso falar... por exemplo... tem um texto que fala sobre o assalto... mas que... na verdade... hum... *éh*... *éh*... é uma coisa comum... para o dia a dia... mas que... na verdade... *éh*... está falando justamente do preconceito... porque... eles acreditam que uma criança assaltou... sendo que ela não assaltou... então... *éh*... ao mesmo tempo que vem tratando... da... essa questão da ambiguidade...

né... do duplo sentido... ao mesmo tempo que vem tratar da questão do assalto... né... que acontece frequentemente... também trata da questão do preconceito que a gente tem com as pessoas.

ENTREVISTADOR: No caso, preconceito racial... ou... preconceito de classe?

ENTREVISTADO: Diversos... de classe... racial... foi... esse ano... também... foi um estudo muito interativo em relação a... ao preconceito de todas as formas.

O entrevistado, ao referir-se ao caráter atual proporcionado pelo livro didático ao abordar o preconceito, seja racial ou de classe, remete ao fato de que, no Ensino Fundamental, a *ambiguidade* é tratada por Cereja e Cochar (2015) como *duplo sentido*, para que os discentes sejam introduzidos à disciplina a partir de um vocabulário comum a eles. Quando relacionado com assuntos atuais, como preconceito racial, preconceito de classe, os autores apresentam conteúdo significativo para ensinar conceitos gramaticais.

Para o **entrevistado 2**, de outro modo, os alunos demonstram interesse quando:

ENTREVISTADO: Questionando... *éh...* fazendo... se interessando pelo assunto... mas... não são todos, né... são poucos... porque ainda tem a questão dos alunos... *éh...* tem alguns que tem desinteresse MESMO pela língua portuguesa... e... tem dificuldade... mas... os que gostam... eles questionam... eles procuram saber... eles 'tão interessados... ali... no assunto... no conteúdo... né.

O **entrevistado 4**, entretanto, não acredita que seus alunos sintam curiosidade por conta de uma fragilidade herdada do Ensino Fundamental menor:

ENTREVISTADO: Não... porque... hoje... os alunos... eles tem muitas dificuldade (sic)... como eles saem do ensino... *éh...* fundamental menor... com... *éh...* com... uma certa dificuldade imensa (sic)... na hora... de... (se) estudar a semântica... *éh...* eles não conseguem dissimilar (sic) as coisas... assim... por exemplo... se você colocar um texto... e você colocar para eles fazerem uma interpretação... e dentro dessa intrepe (sic)... interpretação... eles procurarem alguma coisa referendo (sic)... se referindo à semântica... eles não sabem... primeiro porque hoje os alunos saem do ensino fundamental menor sem ter noção das classes gramaticais... hoje o aluno não sabe diferenciar... *éh...* o verbo de um substantivo... você chega no nono... nessas salas de sétimo... oitavo... nono ano... o aluno não sabe... então você tem muita dificuldade... muita... muita... porque... as classes gramaticais... eu vejo hoje... que... o aluno... ele sai do ensino fundamental menor leigo... são poucos aqueles que conhecem... real... realmente... sabe diferenciar... né... sabe fazer uma análise... do que é (sic) as classes gramaticais... da função de cada uma delas... então... é aí... aí... nesse ponto aí... quando você vai trabalhar o outro lado... aí a dificuldade é imensa... aí eles não sabem... são poucos aqueles que sabem... que sabem diferenciar... quando (ela) tem... a função... de uma palavra dentro da oração... e a classe gramatical que ela pertence.

Dessa forma, tendo-se ciência do que o professor pensa sobre a disciplina de Semântica e como o aluno comporta-se em aulas em que a Semântica é o foco, a próxima pergunta, “**Você acredita que a Semântica é trabalhada com propriedade pelo livro**

**didático?”**, é pertinente pois, sendo o livro didático a ferramenta que o professor possui para lecionar a disciplina, é o seu guia e principal recurso.

Sobre isso, o **entrevistado 1** responde que

ENTREVISTADO: Sim... *Éh...* ((risos))... Nesse caso que eu falei... né... Dos textos... *Éh...* Os textos... eles... eles usam... eles... usam muito... exploram muito... a questão do... do... duplo sentido... da polissemia mesmo... né... do... das variedades de interpretação... que é uma coisa que... também... igual eu já falei... né... não tinha... não acontecia TANTo no tempo em que eu estudava... no Ensino Fundamental... e hoje... já tá bem mais vivo... mesmo... a questão da semântica...

Uma das fragilidades do livro didático, o excesso de textos e a linguagem complexa para o público alvo são explorados pelo **entrevistado 3**:

ENTREVISTADO: Acredito que sim... embora os livros... os livros... (sic) seja... bem complexo... os livros são complexos... porque a gente... nós... professores... sentimos essa dificuldade... e muita... porque... o aluno... ele chega... na... né... no... na... mesmo... no... na... mesmo no Ensino Fundamental final... né... eles tem dificuldade... tem... eles não... eles tem dificuldade em leitura e escrita... né... e é para gente... para (sic) nós professor... cobrar mais do aluno... a gente tem essa dificuldade que... a gente vê que o aluno... ele não... chegou no... é... na... no ensino fundamental... até no ensino médio... sem aprender a ler e a escrever...

Mesmo que os professores apresentem uma certa satisfação com o livro, como o **entrevistado 2**, que disse que é um livro bom, há reclamações além da linguagem adotada pelo livro, sendo que este é dividido em conteúdos concretos, que, aparente não se misturam, o **entrevistado 5** comenta que:

ENTREVISTADO: Não... não acredito... porque... assim... acho que você acompanhou o livro didático... né... que a gente mandou uma foto antes... então... tem aquela... sempre tem aquela mesma estrutura... *éh...* nas unidades... tem a gramática... tem o tipo de gênero textual... e a interpretação daquele texto... então fica meio um pouco meio vago... fica mais na área da interpretação de texto mesmo..

Sobre isso, o **entrevistado 6** complementa:

ENTREVISTADO: Sim... ele é trabalhado... o livro... na verdade... ele é todo dividido... mas ele sempre junta... texto... com interpretação... e dá de trabalhar isso... ele tem os tópicos... gramática... semântica... ele é dividido... ele é bom...

A próxima pergunta relevante, que complementa a ideia da anterior, “**Quais os maiores benefícios que o livro didático oferece, sob a perspectiva Semântica para o**

**ensino de Língua Portuguesa?”**, sugere a reflexão ao professor, desde que ele necessita indicar o que favorece às suas aulas no material adotado.

O **entrevistado 3** reforça a ideia da sua resposta à pergunta anterior:

ENTREVISTADO: Não... eu acredito que os livros... como eu te falei... eles (sic) são complexo... eu acho que eles fogem da realidade do aluno... aqui... hoje... eles são bastante... são bem... mesmo... os livros... são os livros bons... embora... eles são recheados de atividades... né... tanto que... às vezes... não tem nem como você terminar... um... o conteúdo... por conta das atividades do material... é bem complexo...

No sentido contrário, o **entrevistado 1** indica que

ENTREVISTADO: A interpretação textual... a compreensão... a interpretação textual... a inferência... né... que é uma coisa que a gente busca muito... provocar nos alunos isso... essa inferência... eles irem além do que a gente tá lendo aqui no livro... não ficar só no livro... não ficar só no que eles leram... ali... mas inferir... procurar... *éh*... na mente deles (sic) mesmo... um outro (sic) significados... outros sentidos... para... para aqueles que eles estão estudando...

Com diferentes pontos de vista, os professores conseguem convergir em uma mesma opinião: o livro possui muitas atividades; porém, enquanto um professor acredita que é um aspecto positivo, o outro pensa que é uma fragilidade do livro.

Sobre isso, o **entrevistado 2** concorda com o entrevistado 1:

ENTREVISTADO: *éh*... (silêncio)... as facilidades, né? [sim]... ele... ele é dividido... entre textos... né... ai... naquele texto você analisa... ele... na semântica... na sintaxe... em todas as áreas... então... ele... divide... como... o que é que vai ser trabalhado... tem semântica... e discurso... ai tem... *éh*... cada... cada área que vai ser analisada... a partir daquele texto... então acho que é a melhor forma de trabalhar é assim... porque... o aluno... ele vai... olhar o texto... ele vai poder analisar de várias maneiras... não só em uma área... só o que ele entendeu... mas de uma forma mais (sic) aprofundado...

O **entrevistado 5**, por outro lado, não acredita que o livro seja inovador:

ENTREVISTADO: Eu acho que... a orientação... eles terem algo ali... em mãos... para poder acompanhar... acho que somente essa... não... de novidade... não...

Já o **entrevistado 6** acredita que os textos e a metodologia voltada para a gramática são aspectos positivos do livro:

ENTREVISTADO: Ele tem (sic) muito textos... *éh*... da parte gramatical... também... ele apresenta... e ele tem as atividades... não é só a gramática... ele traz fragmentos de texto... ai tem interpretação... e ele exige gramática... então eu acho bom isso...

A próxima pergunta relevante, “**Quais as maiores dificuldades que o livro didático apresenta, sob a perspectiva Semântica para o ensino de Língua Portuguesa?**”, pretende compreender o que o professor acredita que dificulte o ato de lecionar, sendo essa dificuldade provinda do próprio livro didático, que deveria ser o seu guia.

Para o **entrevistado 1**, a falta de aplicabilidade do conteúdo, assim como da explicação, do conteúdo, pelo livro:

ENTREVISTADO: Na verdade... o livro didático... *éh*... na questão semântica... eu achei ele muito bom... embora... ele falhe um pouco... *éh*... na questão dos.. dos assuntos... dos conteúdos... porque são... tem conteúdo... tem... *éh*... essa... esses textos... mas... ainda são mínimos... eu acho que deveria ter MAis conteúdos... MAis textos para eles interagirem... porque tem muita atividade... e acaba... tirando... o conteúdo mesmo... o texto...

Para o **entrevistado 2**, o aspecto de resumo que o livro apresenta; de certa forma, é uma ideia complementar ao que indicou o entrevistado 1:

ENTREVISTADO: Nesse livro que a gente está utilizando... é como eu disse... ele é um pouco resumido... né... bastante resumido... então... às vezes... quando eu trago um conteúdo... eu não utilizo só o livro... né... eu trago algo extra... para... complementar aquilo que eu tô est... trabalhando... porque se eu for basear só por aquilo do livro... às vezes o aluno não entende muito... (aquela) linguagem... então eu preciso 'tá... *éh*... trazendo outras coisas... para que ele possa estar aprendendo...

O **entrevistado 3** indica que o livro apresenta uma *fuga de realidade*, pois não contempla a realidade dos alunos:

ENTREVISTADO: Ele foge da realidade do nosso aluno... aqui... tá... eu acredito assim... os livros... hoje... eu percebo... né... e... também vejo os professores relatando... alguns professores... que eles fogem da realidade do nosso aluno... o nosso aluno... ele chega... sem saber ler e escrever... e eu costumo dizer... que o aluno... eu tenho aluno... né... que ele chega... ele chega no ensino médio e ele não conhece... não conhece... *num... num...* ele não tem... noção... ele não sabe... nessa área... da... da... né... da morfologia... ele já não... então a gente sent-... eu tenho dificuldade em transmitir o conteúdo... porque eu percebo... que o aluno... ele não é... ele tá... numa... numa série... mas...

Assim como na pergunta anterior foi mencionado a fragilidade referente à linguagem complexa para o público alvo, o **entrevistado 4** indica que esse é o maior empecilho para uma aula de qualidade, quando utilizando o livro didático:

ENTREVISTADO: Para mim... os livros que vem muito (sic) resumido... [e o livro que foi adotado pela escola, a senhora acredita que é assim?...] não... o português e linguagem... eu não acho que ele seja tão resumido... às vezes... a linguagem... a linguagem dele... tem alunos que não tem assim... o nível de linguagem... bem... então a linguagem dele é mais específica... mais... entendeu... então eu acho... assim... que... às vezes... é a linguagem em si dele...

A próxima pergunta relevante, “**Você acredita que o livro didático é o suficiente para o ensino da Semântica?**”, se propõe a compreender o professor quanto ao uso exclusivo do livro didático para lecionar Língua Portuguesa, e, principalmente, a Semântica.

O **entrevistado 1** afirma que:

ENTREVISTADO: Não... porque... *éh...* eu... enquanto professora de português... eu preciso... buscar... outras ferramentas... outras metodologias... para trabalhar semântica dentro da sala de aula... então... o livro didático funciona como um complemento...

Quanto a isso, todos os entrevistados seguem a mesma linha de raciocínio, desde que não podem prender-se a um mesmo veículo de informações.

A pergunta “**No caso, você já sentiu a necessidade de complementar o ensino em sala de aula com material próprio, selecionado por você?**” pretende compreender os métodos alternativos utilizados pelos professores.

O **entrevistado 1** indica que:

ENTREVISTADO: Sim... inclusive... *éh...* eu fui trabalhar a questão da... do predicativo... né... e percebi que eles tinham dificuldades... *éh...* com relação ao predicativo... e... eu levei alguns objetos... eu trouxe... *éh...* alguns objetos... para poder... clarear mais a mente deles... e aí eles fizeram... eles elaboraram um texto... sobre cada objeto... por exemplo... eu trouxe... um jogador... eu trouxe uma bola... eu trouxe uma boneca... e um urso... e eles podiam escolher... cada um desses objetos... aí... o objeto que eles escolhessem... eles iriam falar o que é que vem na mente deles... quando eles pensam nesses objetos... e aí... eu percebi que eles foram além... eles não ficaram só no... *éh...* a boneca tem olhos claros... *éh...* e algo do tipo... eles foram além... inclusive... eu... eu... trouxe uma boneca negra... e aí a menina falou sobre a questão do... racismo... e ela já puxou para o lado do... do preconceito... do racismo... tudo mais... então eu vi que... né... *éh...* é uma... coisa satisfatória...trabalhar... *éh...* nessa relação com a semântica, né...

O **entrevistado 2** corrobora e complementa:

ENTREVISTADO: Sim... inclusive... *éh*... eu fui trabalhar a questão da... do predicativo... né... e percebi que eles tinham dificuldades... *éh*... com relação ao predicativo... e... eu levei alguns objetos... eu trouxe... *éh*... alguns objetos... para poder... clarear mais a mente deles... e aí eles fizeram... eles elaboraram um texto... sobre cada objeto... por exemplo... eu trouxe... um jogador... eu trouxe uma bola... eu trouxe uma boneca... e um urso... e eles podiam escolher... cada um desses objetos... aí... o objeto que eles escolhessem... eles iriam falar o que é que vem na mente deles... quando eles pensam nesses objetos... e aí... eu percebi que eles foram além... eles não ficaram só no... *éh*... a boneca tem olhos claros... *éh*... e algo do tipo... eles foram além... inclusive... eu... eu... trouxe uma boneca negra... e aí a menina falou sobre a questão do... racismo... e ela já puxou para o lado do... do preconceito... do racismo... tudo mais... então eu vi que... né... é... é uma... coisa satisfatória...trabalhar... *éh*... nessa relação com a semântica, né...

O **entrevistado 4** vai mais longe e indica que os professores deveriam utilizar de vídeo-aulas para cimentar o conhecimento:

ENTREVISTADO: Sim... a gente sempre faz isso... a todo tempo... a todo momento... a gente... a gente não pode se basear só em cima do livro didático... a gente tem que buscar outras fontes... procurar uma vídeo aula... *éh*... um material didático... exposição de cartazes... fazer alguma coisa...que é para poder o aluno...*éh*... ter mais... *éh*... conhecimento e ele mesmo ir buscar outras fontes... não ficar só bitolado no livro didático... né...

O **entrevistado 5** aponta que a internet é um recurso fundamental para que se possa lecionar um bom conteúdo:

ENTREVISTADO: Sim... de acordo com o que você vê... né... que falta que... que o aluno... *éh*... como é que eu posso dizer... você passa um conteúdo e você vê que falta mais... tem alguma coisa além que você precisa mostrar que ali tá muito superficial... então foi aí que eu decidi... buscar outros meios... a internet tá aí para isso... né... é uma... eu costumo dizer que a internet veio para ajudar o professor... porque o professor que realmente quer... é um... é muito vasto... é um mundo mesmo ali que você pode... coloca lá o que quiser que tá... uma lista enorme... então foi assim...

Os professores, sobre a pergunta em questão, entraram em um consenso de que o livro didático não é a única ferramenta de obterem ideias para que seja transmitido um conteúdo de qualidade, pelo contrário; que o aperfeiçoamento contínuo é necessário.

Em relação à totalidade do universo da amostragem, 100% dos entrevistados afirmam que o conhecimento obtido no Ensino Superior é repassado em padrões impraticáveis para o Ensino Básico que, em si, já é uma esfera de inúmeros desafios, sendo essa máxima melhor percebida na fala do **entrevistado 5**. Ainda mais quando a instituição é localizada em uma área periférica, onde os recursos, normalmente, chegam mais devagar, os professores indicam

que os seus esforços em construir uma base educacional de qualidade para os discentes provém do desejo de ensinar, não necessariamente de uma cobrança do sistema.

A partir dessas fragilidades provindas, supostamente, de um Ensino Fundamental menor mal trabalhado, os professores do Ensino Fundamental maior se sentem impulsionados a corrigir as falhas enquanto ensinam novos conteúdos para seus alunos. Afinal, para eles, não há como aprender coisas novas quando não se aprendeu, de fato, conteúdos antigos. As fragilidades, portanto, são uma das maiores inimigas dos professores, assim como as exigências para realização de metas.

Em suma, os professores do Polo Vila Nova se esforçam para realizar um bom trabalho enquanto profissionais de Letras, afinal, trazem consigo a tarefa de inserir em uma realidade árida o brilho do criticismo, obtido a partir do explorar da vida, e das letras, por meio da semântica. O esforço de tais profissionais pode ser identificado a partir de suas escolhas para temática das aulas ou as ferramentas que utilizam para estimular a aprendizagem de seus alunos, que não se prendem ao manual didático para lecionar o conteúdo curricular obrigatório.

### **Considerações Finais**

A pesquisa visa compreender as práticas educacionais do professor de Língua Portuguesa da rede pública de ensino do município de Imperatriz, especificamente a abordagem da teoria semântica no livro didático e como ocorre o processo de ensino em escolas de bairros periféricos.

Portanto, após a contextualização histórica da educação em Imperatriz e investigação do processo de abertura e funcionamento das escolas selecionadas pela pesquisa, pode-se concluir que o desenvolvimento educacional da cidade dependeu do investimento governamental e do interesse dos professores preencherem vagas em uma localidade tão distante da capital, conforme Cruz (2012, p. 26).

Logo, a fase de entrevistas foi antecipada para dezembro de 2018, para que fossem garantidos os depoimentos dos professores seletivados atuando nas escolas selecionadas. As informações obtidas, porém, foram analisadas sob a perspectiva de que esses profissionais tiveram a oportunidade de trabalhar durante um ano inteiro com o livro didático adotado, assim como inserir a sua experiência em sala de aula no convívio com os discentes.

Para um bairro periférico como a Grande Vila Nova, que engloba bairros como Ayrton

Senna, Vila Fiquene e Parque Santa Lúcia, com exceção de apenas um professor, que trabalha na escola com condições menos favoráveis, os outros entrevistados mantiveram uma perspectiva bastante positiva sobre a educação nas suas respectivas instituições escolares, sempre estimulados a continuarem os seus esforços para ofertar um ensino de qualidade, independente das condições limitadas impostas por um calendário escolar ou insuficiência de conteúdos no livro didático.

Lecionar é um desafio, pois, como competir com dispositivos digitais quando professores são seres de carne e osso que utilizam livros didáticos, de papel? A existência de professores otimistas, porém, é um sinal de que ainda há uma chance para a educação e, por consequência, para a semântica. Ainda mais quando possuem a perspectiva de que a internet os possibilita a função de lecionar com qualidade, em um esforço de combinar o livro didático com atividades alternativas pesquisadas ou desenvolvidas por eles próprios

## Referências

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**, Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CEREJA, William; COCHAR, Thereza. **Português: Linguagens**, 6. 9.ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

CRUZ, Mariléia de Santos. **História da Educação de Imperatriz**. Imperatriz. Ética: 2012.

CRUZ, Mariléia de Santos. História de Expansão Escolar no Território de Imperatriz. **Outros Tempos**, São Luís, v. 10, n. 5, p.13-36, 2013.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

IMPERATRIZ, Prefeitura de. **Proposta pedagógica da comunidade escolar CEMMAC**. 50 p. Localizado em: Escola Municipal Madalena de Canossa, Imperatriz, Maranhão, 2018. Não publicado.

IMPERATRIZ, Prefeitura de. **Projeto de proposta pedagógica**. 40 p. Localizado em: Escola Municipalizada Morada do Sol, Imperatriz, Maranhão, 2011. Não publicado.

IMPERATRIZ, Prefeitura de. **Projeto de proposta pedagógica**. 30 p. Localizado em: Escola Municipalizada Raimundo Aguiar, Imperatriz, Maranhão, 2013. Não publicado.

IMPERATRIZ, Prefeitura de. **Projeto de proposta pedagógica**. 80 p. Localizado em: Escola Municipal Pedro Abreu, Imperatriz, Maranhão, 2018. Não publicado.

IMPERATRIZ, Prefeitura de. **Projeto de proposta pedagógica**. 60 p. Localizado em: Escola Municipal Machado de Assis, Imperatriz, Maranhão, 2018. Não publicado.

MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à Semântica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

PRETTI, Dino. (org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. 16. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

### **SEMANTICS IN THE PERIPHERY: THE PRACTICE OF PORTUGUESE LANGUAGE TEACHERS WITH A TEXTBOOK ADOPTED IN EMPERATRICE / MA**

**ABSTRACT:** This article is a fragment of a research that aims to survey the educational practices of teachers of Elementary School of Imperatriz/MA, specifically addressing the semantic aspects contained in the textbook adopted in the classroom. The theoretical appointment is based by Cabral (1984) Maranhão's education studies; by Marques (1996) and by Bechara (2004) will help it about semantics' question; and by Cruz (2012;2013) Imperatriz's education studies. The methodology is qualitative, as it investigated the teachers' social space through interviews and questionnaires, as well as recognizing the potential of the information by crediting the scientificity of the statements collected in the act of transcribing the information obtained orally. As results were obtained meetings and interviews with the teachers of the selected. Respondents maintained a very positive outlook on education at their respective school institutions, always encouraged to continue their efforts to deliver quality education. The interviewees demonstrated knowledge about Semantics and willingness to transmit quality content, being aware that the textbook is not the only tool that enables this desire.

**KEYWORDS:** Semantics; Portuguese language; Educational practices.

**Envio: agosto/2019**  
**Aceito para publicação: dezembro/2019**